Unidade: História das Artes

Unidade: História das Artes

Arte Pré-Colombiana

Chamaremos de “Arte Pré-Colombiana”, as manifestações culturais nativas das civilizações que vão desde o México, passando pela América Central e até o norte da América do Sul, e também antes da colonização dos espanhóis ao continente, por volta de 1492. Essas civilizações eram muito organizadas e sua cultura complexa e com raízes na “pré-história”. Essa arte compreende objetos de função mística e ou religiosa, esculturas, relevos, tecidos, objetos em ouro com pedras preciosas, amuletos e objetos de uso domésticos e ornamentais.

A civilização “**olmeca**” que significa “povo das borrachas”, existiu entre 1100 a.C. a 200 d.C., no que chamaremos de “**Mesoamérica**”, hoje dentro do território do México. Considerada “civilização-mãe” de todas as civilizações pré-colombianas, porém desconhece-se qual foi o processo que deu origem ao estilo artístico e cultural.

Produziram muitas esculturas monumentais com características muito expressivas e rústicas em bloco individuais de basalto, essas cabeças que parecem ter um capacete têm dimensões de aproximadamente de 3 metros de altura, diâmetro de aproximadamente de 1,50 metros e pesando aproximadamente 20 toneladas, como as imagens abaixo, e foram encontradas 17 dessas esculturas no território Mesoamericano. Considera-se que essas grandes esculturas de cabeças são retratos de governantes olmecas.

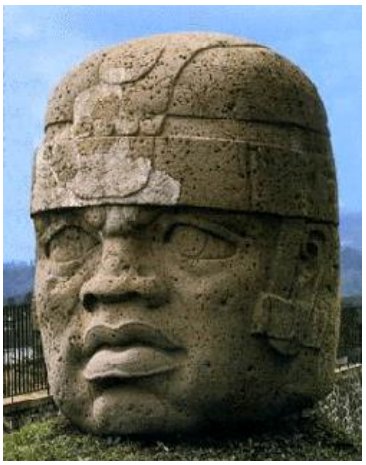


Figura 1: Cabeça monumental (850 a.C. a 150 a.C.) – escultura olmeca
Figura 2: Cabeça monumental, 3 metros de altura aproximadamente, La Venta – México
Fonte 1: http://static.blogstorage.hi-pi.com/spaceblog.com.br/t/tu/turma/images/mn/1226679200.gif
Fonte 2: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mexico.Tab.OlmecHead.01.jpg

Os olmecas produziram peças de menores dimensões em jade, e verificamos abaixo, em todas essas obras escultóricas um significado religioso e místico, como o Machado Cerimonial e o Monumento 1 Las Limas em que um jovem com inscrições nos ombros e joelhos, segura uma criança jaguar-homem; além do naturalismo de suas formas no vaso em forma de peixe.

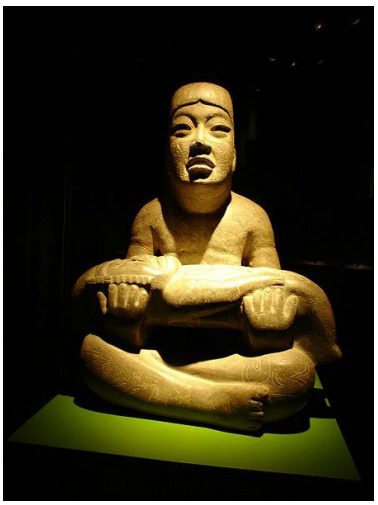


Figura 3: Vasilha em forma de peixe em jade, altura aproximada de 16 cm, (XII- IX a.C.)
Figura 4: Machado Cerimonial em jade, altura aproximada de 28 cm
Figura 5: Monumento 1 Las Limas
Fonte 3: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Olmec_fish_vessel.jpg
Fonte 4: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Kunz_Axe.jpg
Fonte 5: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Las_Limas_Monument_1_(O_Cadena).jpg

A civilização dos “**maias**” tem sua formação significativa histórica de grande desenvolvimento no período de 1000 a.C até 1000 d.C., onde construíram grandes cidades com uma arquitetura monumental nas regiões do sul do México, na Guatemala, Honduras e El Salvador. Sua escrita era hieroglífica com símbolos fonéticos e ideogramas, podendo ser representada completamente no idioma falado com grande eficiência. Eram grandes matemáticos e astrônomos.

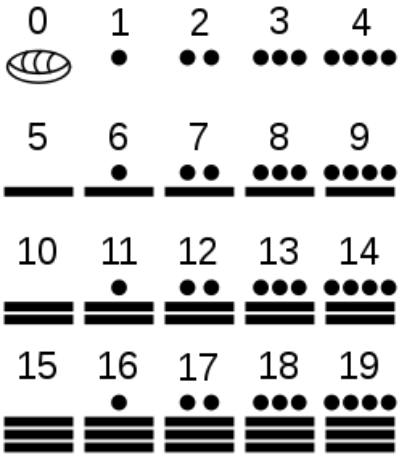


Figura 6: Grafia dos números maias

Figura 7: Glifos maias em estuque

Fonte 6: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Maya.svg

Fonte 7: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Palenque_glyphs-edit1.jpg

Na arquitetura, os maias construíram pirâmides, erguidas em patamares em forma retangular, sendo o seguinte patamar menor que o anterior e assim por diante, dando uma forma piramidal, uma escadaria íngreme corta a fachada principal até chegar a seu topo, em que se instala um templo também retangular, com as fachadas com relevos, a pedra utilizada nesses monumentos é o calcário, retirado de jazidas próximas. Diferentemente dos egípcios esses templos eram utilizados para rituais religiosos e como observatório astronômico e não como sarcófagos ou tumbas de faraós.

Figura 8 - Templo do Adivinho, Yucatán – México

Fonte 8: http://www.klickeducacao.com.br/Klick_Portal/Enciclopedia/images/Ma/11453/4002.jpg

Os palácios maias ficavam próximos ao centro da cidade e abrigavam a elite da população, geralmente em formato retangular possuíam vários compartimentos e suas fachadas eram ornamentadas com relevos.

Figura 9 - Palácio de Pelenque, Yucatán – México

Figura 10 - Palácio do Goverdandor, Uxmal – México

Fonte 9 - http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:0141_Palenque.JPG

Fonte 10: http://www.oshomenspassaros.com/fotos%20de%20viagem/cv000615e.jpg

Os maias utilizavam a escultura para decorar os templos e palácios e também esculturas de pequenas figuras.

Posteriormente a civilização maia, desenvolveu-se no México os povos "**astecas**", entre os séculos XIV a XVI, que dominou o território do México até a Guatemala e fundaram um grande centro urbano na cidade de Tenochtitlán, às margens do lago Texcoco, e tinham também um grande conhecimento da matemática e astronomia.

O "Calendário do Sol" talhado em pedra, apresenta ao centro, a figura de Tenochititlán, o deus Sol, e, em círculos concêntricos mostra figuras que simbolizam os dias, as semanas e os meses, além de entidades do universo asteca.

Figura 11 - Pedra do Sol ou Calendário Asteca, 1324-1521

Fonte 11: http://www.grupoescolar.com/a/b/C7CB0.jpg

Ao norte da América do Sul, desenvolveu civilizações com padrões culturais e sociais organizados como os mochicas, tiahuanocos e chimus e formaram um patrimônio artístico e cultural Pré-colombiano que chamaremos de "**incas**".

Os incas trabalhavam muito bem a ourivesaria, produzindo jóias e adereços femininos.

Figura 12 - Tumi, faca cerimonial da cultura Chimu, feita de ouro e incrustações de pedras preciosas.

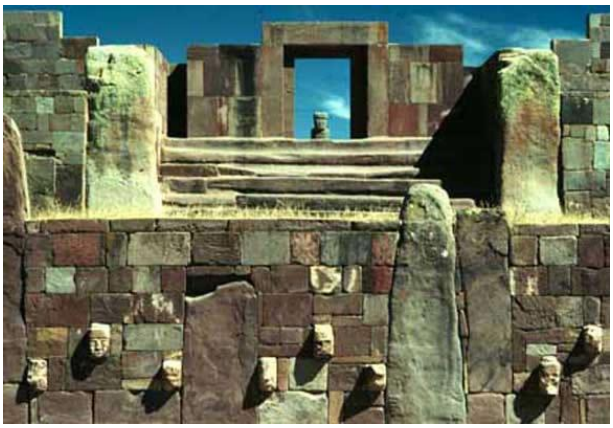
Figura 13 - Faca de ouro, achada em 1910 em Machu Picchu, Universidade de Yale

Fonte 12: http://www.klickeducacao.com.br/Klick_Portal/Enciclopedia/images/In/5396/1931.jpg

Fonte 13: http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/foto/0,,18876594,00.jpg

Tem um grande sítio arqueológico Pré-colombiano, de uma civilização chamada "tiahuanaco", este nome provém de uma antiga cidade do altiplano da Bolívia, próximo a La Paz, muitos historiadores e arqueólogos consideram esta civilização precursora do Império Inca.

Sua arquitetura e suas estátuas monumentais maciças, intrigam a interpretação de vários arqueólogos e pesquisadores da área.



Fonte 14: http://criptopage.caixapreta.org/secao/criptozoologia/imagens/tiahuanaco_5.jpg

Fonte 15: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://criptopage.caixapreta.org/secao/criptozoologia/imagens/tiahuanaco_5.jpg&imgrefurl=http://criptopage.caixapreta.org/secao/criptozoologia/cripto_cidade_tiahuanaco.htm&usg=__ldAacHLS3vagiJY4-kK3pUmSz7w=&h=400&w=580&sz=51&hl=pt-BR&start=2&um=1&itbs=1&tbnid=wHWQBEMqm8uJkM:&tbnh=92&tbnw=134&prev=/images%3Fq%3Dtiahuanaco%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DX%26tbo%3D1%26tbs%3Disch:1

Figura 16 - Estátua colossal de ídolos Tiahuanaco (1000-1300), ruínas da cidade

Fonte 16: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tiwanaku1.jpg

Localizada na região dos andes, no Peru, em uma altitude de aproximadamente 2400 metros, por volta dos anos de 1400 e 1532, desenvolveu-se a civilização chamada inca, Machu Picchu, cidade localizada no topo de uma montanha é a que melhor documenta a concepção urbanística e arquitetônica dos incas. A cidade é dividida em duas partes por um muro de aproximadamente 400 metros de comprimento, a urbana e a agrícola.

Figura 17 - Visão geral de Machu Picchu, a cidade sagrada dos incas

Fonte 17: http://random1881.files.wordpress.com/2009/05/machu-picchu-peru.jpg

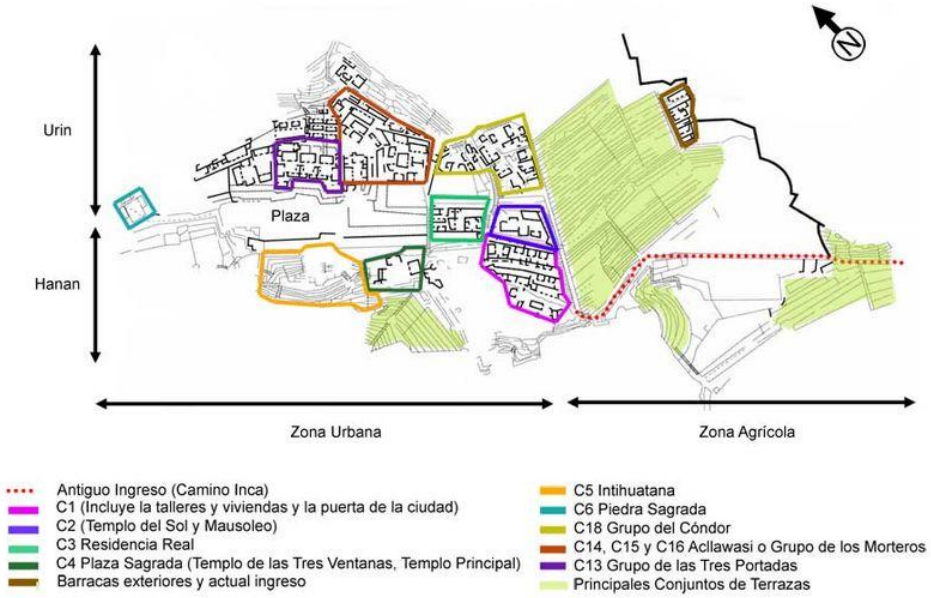


Figura 18 - Mapa da divisão da cidade

Fonte 18: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Machupicchumapa01.jpg

Viveram numa estreita faixa desértica entre os andes e o oceano pacífico o povo chamado mochica, habéis artesãos, foram também engenheiros e arquitetos competentíssimos, embora não tivessem erguido grandiosas construções, desenvolveram muitos canais aproveitando os rios que desciam da cordilheira para regar seus solos, tornando-os férteis. A arte de sua cerâmica era utilizada para guardar alimentos, bebidas como também vasos para rituais e vasos antropomorfos, com forma humana.

Figura 19 - Vaso antropomorfo de alça estribo, 850 d.C. – Mochica

Figura 20 - Vaso jaguar – Mochica

Figura 21 - Vaso - Mochica

Fonte 19 - http://1.bp.blogspot.com/__d2B9sUpUVU/SfPjwagaEdI/AAAAAAAAKbM/EVs5p477GhE/s400/AMV10396.jpg

Fonte 20 - http://bit.ly/9eOaqm

Fonte 21 - http://www.arssummum.net/data/thumbnails/190/CombateMiticoMochica01.JPG

Barroco

O “**barroco**” teve sua origem na península Itálica no século XVII e irradiou-se rapidamente por toda a Europa e posteriormente na América Latina, trazida pelos colonizadores portugueses e espanhóis, porém esta arte não se desenvolveu homogeneamente em todos esses lugares, ocorrendo grandes diferenças entre as obras produzidas em cada região.

Na Roma dos papas no século XVII o barroco emergiu mostrando uma tendência e estilo para todas as artes, espalhando-se concentricamente de Roma para todos os países da Europa, logicamente que este estilo foi muito bem acolhido em países com características religiosas e políticas parecidas com a de Roma, e recusado em países com características diferentes.

Porém nesses dois casos podemos afirmar que foi uma tendência de muita influência com características particulares e neste conjunto de arte que a partir do século XVII chamaremos de “arte barroca”.

No barroco, os artistas são herdeiros dos artistas renascentistas e aceitavam suas regras: a perspectiva, o equilíbrio, a sobriedade, o racionalismo, a lógica; mas além de tudo colocavam em suas obras: o amor pelo infinito, a dramaticidade, dinamismo, contrastes, exuberância, realismo e tendência ao decorativo.

Essas mudanças introduzidas pelo barroco respeitam as conquistas feitas pelos artistas renascentistas que buscavam a razão e lógica em seus trabalhos e também as artes romanas e gregas. Mas os artistas barrocos queriam ainda superar tudo isso criando obras com mais impacto e dramaticidade.

Em quase toda Europa e em toda América Latina existem a arquitetura e a arte barroca. Todavia, são muito diferentes de país a país. O termo barroco foi utilizado por comodidade, para designar as manifestações artísticas de um período que se iniciou no século XVII.

O termo “barroco” significava na península ibérica um tipo de pérola de forma irregular ou imperfeita, na Itália, uma conversa pedante contorcida e de pouco valor argumentativo, e em quase toda Europa um sinônimo de extravagância, coisa disforme, anormal, absurda e irregular.

Mas no século XIX, o crítico suíço Heinrich Wölffin e os seus seguidores deram à palavra “barroco” um significado mais objetivo que era: procura do movimento, quer real (numa parede ondulada, ou de uma fonte, onde a água sempre jorra em formas sempre diferentes), ou personagens retratados durante uma ação violenta ou sob um grande esforço, a representação de um infinito, a importância da luz e dos efeitos luminosos na percepção do olhar, o gosto teatral, o gosto cenográfico, a indisciplina de não respeitar os limites das misturas de estilos na arquitetura, escultura ou pintura.

As formas clássicas (colunas, arcos, frontões, frisos, etc) não são renegadas pelo barroco, mas são transformadas de maneira fantasiosa e subjetivas na arquitetura deste período.

Francesco Borronini (1599-1667), grande arquiteto italiano, que na construção abaixo, Oratório dos Fillippini, em Roma, utiliza frontões sobre as janelas e portas que são em arcos ou triangulares quebrados e mesclados com partes retas, a fachada é caracterizada pelo movimento ondulado, o andar inferior sobressai do andar superior com movimentos opostos, no andar superior a pequena varanda reforça o conjunto e centraliza a visão no eixo central do edifício.

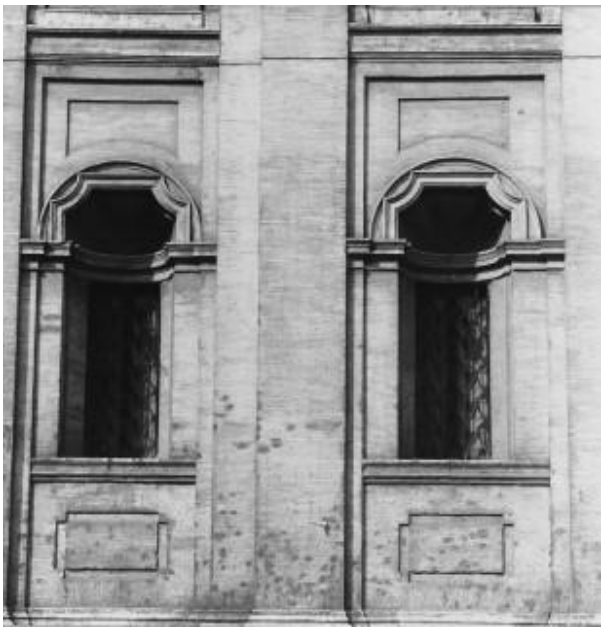


Figura 22 - Fachada frontal do Oratório dos Fillippini, Roma – Francesco Castelli ou Borromini

Figura 23 - Detalhe de umas janelas e seus frontões

Fonte 22 - http://www.tamtamtravel.com/write/opere/operag1268.jpg

Fonte 23 - http://www.artandarchitecture.org.uk/assets/aa_image/320/2/2/7/f/227ffb779c9ce81272bd241c81f63cbc7600f4b2.jpg

O barroco utilizava o movimento nas suas formas como na fachada do edifício abaixo. Em destaque também um grande portal central na fachada.

Figura 24 - Palácio Carignano, Turim – Camilo Guarino Guarani

Fonte 24: http://www.viajesamiritmo.com/wp-content/uploads/2009/05/turin_palacio_risorgimento.jpg

Figura 25 - Palácio de Versalhes – canteiro do jardim

Fonte 25: http://blogjunto.com/turistaprofissional/files/2008/11/photo-5144-13-05-08-13-00-51.jpg

http://static.blogo.it/travelblog/reggia_01.jpg

Figura 26 - Galeria dos espelhos, Palácio de Versalhes

Figura 27 - Interior do Palácio de Versalhes

Fonte 26 - http://www.lesfilmsdici.fr/moteur/t234/galerie_des_glaces2.jpg

Fonte 27 - http://ipt.olhares.com/data/big/58/582418.jpg

Figura 28 - Palácio Schönbrunn, Viena – Johan Bernhard Ficher Von Erlach

Fonte 28: http://sites.google.com/site/voyagephotos2/Vienna06.jpg

Figura 29 - Palácio Madama, Turim (1718-1721) – Filippo Juvarra

Fonte 29: http://www.viajesamiritmo.com/wp-content/uploads/2009/05/turin_palacio_madama.jpg

Figura 30 - Palácio Belevere, Viena – Johan Lukas Von Hildebrandt

Fonte 30: http://sites.google.com/site/voyagephotos2/Vienna10.jpg

O barroco na França assume características mais sóbrias, cometidos e quase clássica e se impôs pouco a pouco como estilo quase dominante na Europa. O palácio de Versalhes foi a expressão maior do barroco francês.

O conjunto de palácios e jardins mais famosos desta época, não se localiza na Itália, mas sim na França. O palácio mais famoso da Europa é o palácio de Versalhes com seus jardins concretizam perfeitamente a obra arquitetônica deste período na França. Foi construído no reinado de Luís XIV, e participaram deste projeto os arquitetos Jules Hardouin Mansart, Louis Le Vau e François d'Orbay entre outros. Foram feitas reformas e ampliações da antiga edificação deixada por Luís XIII, e concretizada somente 5 anos antes da morte de Luís XIV.

André Le Nôtre (1613-1700) criou os jardins externos do palácio de Versalhes, formado por canteiros, alamedas, espelhos d'água e fontes em uma geometria extraordinária e uso de plantas diversas. O palácio de Versalhes mostrava o grande poderio econômico e político do governo monárquico francês do século XVII.

O barroco na Áustria e Alemanha se inspirou muito mais nos exemplos franceses do que nos italianos. O palácio de Belvedere é claramente um barroco, pelo seu fausto, e com equilibrada distribuição de volumes.

O palácio Schönbrunn, inspirado no palácio de Versalhes, porém com a fachada com mais composições e a parte central mais acentuada com altura de 3 pavimentos.

Vemos na arquitetura barroca em seus palácios e igrejas, uma complexidade das plantas e fachadas, um grande detalhismo nos capitéis, entablamentos, a busca de efeitos decorativos, a ondulação de suas paredes.

A ornamentação da cúpula feita por Francesco Castelli, mostra uma ornamentação de forma elíptica, baseada no engastamento de cruzes, octógonos e hexágonos.

A simplicidade e racionalidade na arquitetura são substituídas por elementos decorativos, curvas, reentrâncias, saliências.

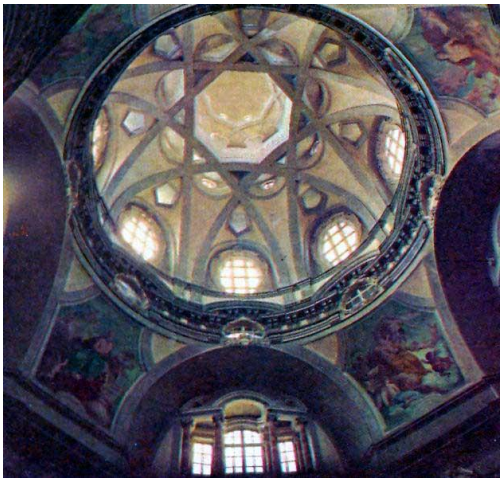


Figura 31 - Cúpula de San Carlo alle Quattro Fontane, Roma – Francesco Castelli

Figura 32 - Cúpula da Igreja de San Lorenzo – Camilo Guarino Guarani

Fonte 31: http://farm4.static.flickr.com/3590/3326347670_527ba17ff3_b.jpg

Fonte 32: http://www.sabercultural.org/template/especiais/fotos/InterioresSecularesDaArteSacraFoto01.jpg

A luz é um elemento fundamental na arquitetura barroca dando uma atmosfera dramática com partes vivamente iluminadas e outras na escuridão.

Figura 33 - Cúpula da igreja de São Nicolau – Praga

Figura 34 - Cúpula da Basílica de São João de Deus – Granada

Fonte 33: http://interata.squarespace.com/storage/aa%20praga%202.jpg

Fonte 34: http://static.panoramio.com/photos/original/260326.jpg

Figura 35 - Vista interna da cúpula da basílica de São Pedro, Roma (1564-1590)

Fonte 35: http://farm4.static.flickr.com/3195/3112402035_6d6115ebb7_b.jpg

A pintura da cúpula da basílica de São Pedro foi elaborada inicialmente por Michelangelo, com sua morte no início da construção, a obra foi entregue a Giacomo della Porta, que introduziu modificações ao projeto inicial, transformando-a quase em uma cúpula barroca.

Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), nomeado arquiteto de São Pedro, e superintendente de todas as obras da corte pontifícia no período de 1656 até 1660. A Praça de São Pedro, no Vaticano, em forma elíptica cercada por 284 colunatas cobertas e sobre elas um entablamento com aproximadamente 140 estátuas de 2,70m de altura de santos, mártires e anjos, é desde a Idade Média é meta de peregrinações de católicos. No centro da praça, entre as duas fontes, um grande obelisco com 40 metros de altura aproximadamente, proveniente de Heliópolis.

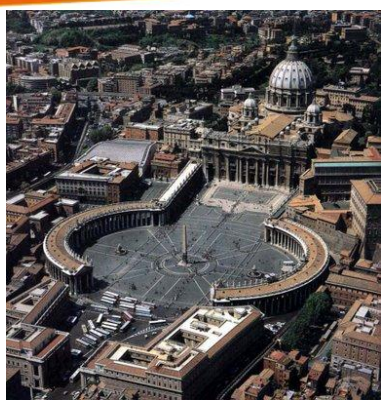


Figura 36 e 37- Praça de São Pedro, Vaticano (1657-1666) – Camilo Lorenzo Bernini – Vista aérea e interna

Fonte 36: http://3.bp.blogspot.com/_Mq4S1uVPJOo/SGaPuvLAlFI/AAAAAAAAAWE/FYhF1yqoVOM/s400/Pra%C3%A7aS%C3%A3oPedro.jpg

Fonte 37: http://blog.paroquiansconceicao.org.br/wp-content/uploads/2009/07/praca-sao-pedro.jpg

Na Capela Cornaro, abaixo vemos a integração da arquitetura com a pintura e escultura para representar o êxtase de Santa Teresa, um apelo aos sentidos dos espectadores.

Figura 38 - Capela Cornaro, Santa Maria della Vitória – Roma

Figura 39 - Escultura Êxtase de Santa Teresa – Gian Lorenzo Bernini

Fonte 38: http://perspectivabr.files.wordpress.com/2008/10/santa-maria-della-vittoria.jpg

Fonte 39: http://bluedove.blogs.sapo.pt/arquivo/extase%20(blog).jpg

A escultura no período barroco procurava dar valor à exaltação dos sentimentos, as posições dos personagens são curvilíneas dando a sensação de movimento e recobertas de elementos decorativos e vestes muito drapeadas e muito uso do dourado. Os gestos e os rostos das personagens mostram emoção e dramaticidade nunca vistas nas esculturas renascentistas.

Um dos principais escultores italianos é Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), suas obras serviram de elemento decorativo nas igrejas, na escultura acima “Êxtase de Santa Teresa” feita para a capela de Santa Maria della Vittoria, em Roma, vemos uma dramaticidade de dor no rosto de Santa Teresa ao ser visitada por um Anjo que lhe fere no peito com várias flechadas e segundo relatos da própria Santa, os ferimentos transformaram-se na experiência mística do amor de Deus, notamos também o volumoso drapeado das vestes da Santa e do Anjo.

O “baldaquinho” de bronze com aproximadamente 30 metros de altura, possui majestosas colunas retorcidas e decoradas com motivos florais, feita para o papo Urbano VIII. Colocada sob o centro da cúpula da basílica de São Pedro, no Vaticano é uma obra de Gian Lorenzo Bernini, é considerada a primeira obra plenamente barroca.

Figura 40 - Baldaquinho (1624-1633), basílica de São Pedro, Vaticano – Gian Lorenzo Bernini
Figura 41 - Escultura Apolo e Dafne (1622-1625), Galeria Borghese, Roma – Gian Lorenzo Bernini
Fonte 40: http://pagina.jccm.es/edu/ies/eduardovalencia/CENTRO/departamentos/GEOGRAFIAHISTORIA/2trimestre/54%20Baldaquino%20de%20Bernini.jpg
Fonte 41: http://fotos.sapo.pt/GEFEzzomTAokhUoJPIIN/

Na escultura acima, o “Deus Apolo persegue a ninfa Dafne”, por quem esta apaixonado. Vemos os dois corpos em movimento ascendente e curvos, o drapeado do tecido envolvendo Apolo, mostra-se esvoaçante com o movimento ágil, o rosto dramático de Dafne se transformando em loureiro.

Figura 42 - Escultura Beata Ludovica Alberoni, Igreja de São Francisco em Ripa, Capela Altieri – Gian Lorenzo Bernini

Fonte 42: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ea/Blessed_Ludovica_Albertoni.jpg

Figura 43 - Relevo Crianças brincando – Francesco Duquenoy

Fonte 43: http://www.lib-art.com/imgpaintingthumb/4/4/t2944-victory-of-sacred-over-profane-love-fran-ois-duquesnoy.jpg

No relevo acima, de Francesco Duquenoy (1597-1643), verificamos as crianças brincando sob um tecido, destreza de efeitos de suavidade e transparência, do artista com o mármore.

Uma das grandes preocupações dos escultores deste período é fundirem sua arte em outras. E nas esculturas de Bernini para a ponte de Sant'Angelo, em Roma, o conjunto é claramente arquitetônico, mas as estátuas enfileiradas nos dois lados da ponte e têm um enorme destaque adornando o castelo de Sant'Angelo.

Figura 44 - Estátuas da Ponte de Sant'Angelo, Roma – Gian Lorenzo Bernini

Fonte 44: http://2.bp.blogspot.com/_GrlH2TQIEdI/Rqcj5FAcP1I/AAAAAAAADHw/tpanr-ESMu4/s400/ponte+santangelo.jpg

A pintura barroca tem como um dos motivos, a decoração da parede em "**trompo l'oeil**", que é uma técnica artística que, com truques de perspectiva, cria uma ilusão óptica que mostra objetos ou formas que não existem realmente.

Provém de uma expressão em língua francesa que significa "engana o olho" e é usada principalmente em pintura nas paredes dos edifícios. Logicamente que pintar nas paredes não era novidade mas o barroco criou características próprias que são a grandiosidade, teatralidade, movimento e representação do infinito unindo a mistura de tendência e gêneros artísticos, não se sabendo onde termina a arquitetura e onde comça a pintura.

Esses trompo l'oeil são de temas variados, como de vida de santos, como de heróis, de soberanos, personagens mitológicos, anjos, etc. Os personagens normalmente em movimentos rápidos e com as vestes sacudidas pelo vento, e representadas em audazes escorços (perspectiva de baixo para cima, ou vice-versa).

Na obra de Andrea Pozzo (1642-1709), no teto da igreja de Santo Inácio, vemos um trompo l"oeil, com o uso da perspectiva na técnica de ilusão óptica mostrando personagens menores quanto mais distantes, a grandiosidade no espaço em um céu infinito, o uso de luz e sombra dando ainda mais um realismo. Esse tipo de pintura tornou-se muito comum em igrejas da época e também em igrejas barrocas brasileiras.

Outro grande pintor foi Giambattista Tiepolo (1696-1770), na pintura em trompe l'oiel nas cornijas das paredes, utilizou uma técnica chamada "composição centrífuga", que é o afastamento dos personagens para um dos lados deixando abrir-se ao centro uma larga zona de céu. E notamos também que com o tempo, o início do uso de tons escuros, a dramatização e os movimentos violentos, tornaram-se pouco a pouco, mais claros, teatrais, vivas e alegres.

Figura 45 - Glorificação de Santo Inácio, Igreja de Santo Inácio – Roma – Andrea Pozzo

Fonte 45: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Andrea_Pozzo_-_Apoteose_de_Santo_Inacio.jpg

Figura 46 - Sentença de Salomão, Palácio do Arcebispo – Florença – Giambattista Tiepolo

Fonte 46: **http://www.culturaitalia.it/pico/system/galleries/pics/alkacon-documentation/Giudizio.jpg**

A pintura barroca sobre tela é igualmente importante como o trompo l'oeil, vamos verificar a disposição dos personagens em sua grande maioria em diagonal, cenas com grande contraste de claro-escuro e temas religiosos, da vida da nobreza e do povo.

O impulso artístico vem da Itália, de um pintor chamado Michelangelo Merisi ou chamado de Caravaggio (1571-1610), nome de sua província de origem. Suas obras iniciaram uma nova época, apesar de terem sido muito criticadas e pouco apreciadas.

No século XVII, todas as pinturas tinham que atingir alguns objetivos como: a perfeita representação, em qualquer circunstância da real natureza ou da imitação do belo.

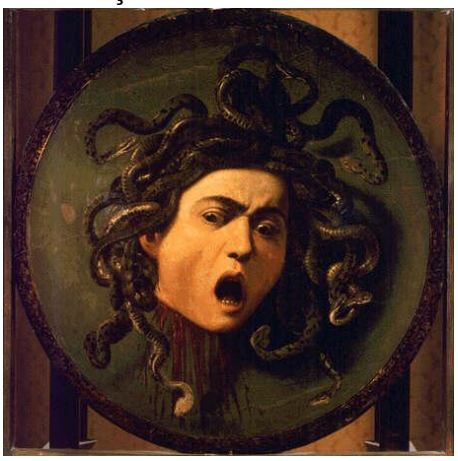


Figura 47 - Cabeça de Medusa, Galeria Degli Uffizi – Florença – Michelangelo Merisi, Caravaggio

Figura 48 - Tocador de alaúde, Museu Hermitage – Leningrado – Michelangelo Merisi, Caravaggio

Fonte 47:http://www.colonialvoyage.com/viaggi/Medusa_Caravaggio..jpg

Fonte 48:
http://1.bp.blogspot.com/_MWcvgvbUnnI/SELU9sleYPI/AAAAAAAAAHA/esg44vRF2Wg/s400/Caravaggio+-+O+tocador+de+Ala%C3%BAde.jpg

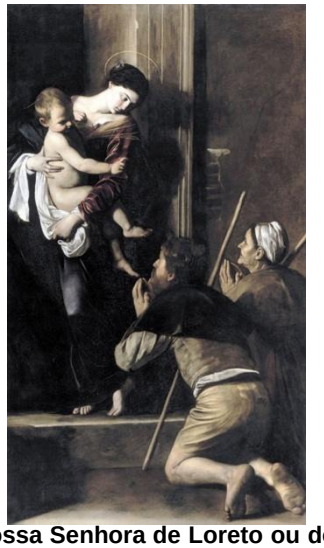


Figura 49 - Nossa Senhora de Loreto ou dos Peregrinos (1604), Igreja de Santo Agostino – Roma – Michelangelo Merisi, Caravaggio

Figura 50 - Vocação de São Mateus (1599), Igreja de São Luís dos Franceses – Roma – Michelangelo Merisi, Caravaggio

Fonte 49: http://www.snpcultura.org/fotografias/caravaggio_bacon/18.jpg

Fonte 50: http://5dias.net/wp-content/uploads/2009/05/caravaggio11.bmp

Caravaggio não se interessava pela beleza clássica como os pintores renascentistas, ele buscava modelos entre pessoas comuns do povo, como os vendedores, os músicos, as prostitutas; para ele não havia identificação, tão comum na época, entre a beleza e classe aristocrática.

Na pintura “O tocador de alaúde”, a luz incidente sobre o jovem, a pauta musical, as flores e as frutas em um aposento totalmente escuro são efêmeras e possuem o mesmo valor.

Os personagens de temas sacros são também retratados com pessoas comuns ao seu mundo, sem nenhum embelezamento, madonas como mulheres do povo, santos com aparência de camponeses e todos carregados de humanidade, e muitos eclesiásticos julgavam impróprios para imagens sacras. No quadro Nossa Senhora de Loreto, ou dos Peregrinos, em que Nossa Senhora em uma de suas aparições esta em uma habitação simples e com paredes quebradas, duas pobres pessoas a veneram, uma velha marcada pelas rugas em seu rosto e o homem com pés descalços e sujos a luz é usada impiedosamente para mostrar esses detalhes.

No quadro “Vocação de São Mateus”, a luz vem da direita e não da janela ao fundo, o que seria natural, o grupo de homens sentados à mesa é visto por essa luz que proporciona um efeito plástico e volumétrico muito maior se vindo pela janela.

Figura 51 - Cristo na casa de Marta e Maria (1578), Alte Pinalothek – Munique – Tintoretto

Figura 52 - Reencontro do corpo de São Marcos (1562), Milão – Tintoretto

Fonte 51: http://gbgm-umc.org/umw/jesusandwomen/images/marymartha-tintoretto.jpg

Fonte 52: http://www.whalecrow.co.uk/whalec/wp-content/uploads/tintoretto_finding.jpg

Figura 53 - São Jorge e o Dragão (1555), Galeria Nacional – Londres – Tintoretto

Fonte 53: http://www.quemtemmedo.blogger.com.br/sao_jorge_de_tintoretto_1555.jpg

Pintou intensamente temas religiosos, mitológicos e retratos Jacopo Comim ou conhecido como Tintoretto (1518-1594), suas características marcantes são que os corpos das figuras são muito mais expressivos que seus rostos, cores e luzes com muito mais intensidade.

Na obra “Cristo em casa de Marta e Maria”, observamos em primeiro plano uma triangulação formada pelas duas mulheres e Cristo, esses três personagens com uma luz intensa e cores vibrantes, depois o nosso olhar vai para os detalhes e o cenário existente, essa forma de organizar a composição foi quase que uma regra para Tintoretto, em que uma obra deveria ser vista no começo como um todo e depois percebidos os seus detalhes.

Tintoretto mostra em seus quadros caminhos não trilhados antes, de representações de lendas e mitos do passado. Considerava sua obra acabada quando tivesse transmitido sua visão, não lhe interessando um acabamento meticuloso.

Na obra “Reencontro do corpo de São Marcos”, a cena parece confusa em que vemos um homem em pé no canto esquerdo parecendo dizer algo e olhando para o outro lado em linha diagonal os dois homens no alto, descendo um cadáver e um terceiro com turbante no chão ajudando-o, provavelmente são saqueadores de túmulos, tem um corpo estendido sobre um tapete, contemplado por um ancião ajoelhado, no canto inferior direito um grupo de pessoas atônitas olhando para o santo. Pois vemos que esse homem de pé a esquerda carrega um livro: é São Marcos Evangelista, o santo padroeiro de Veneza. Então o quadro representa a história de como as relíquias de São

Marcos foram trazidas de Alexandria (a cidade dos “infiéis” maometanos) para Veneza, onde o famoso sacrário da igreja de São Marcos foi construído para alojá-las. Conta a história de São Marcos foi bispo de Alexandria e sepultado em uma das catacumbas. E quando esse grupo de pessoas entrou na catacumba com a missão de descobrir o corpo do santo, desconhecia qual era a catacumbas diante de tantas. E São Marcos apareceu e revelou os restos de sua existência terrena. Foi esse o momento excêntrico escolhido por Tintoretto para essa obra.

No quadro “São Jorge e o Dragão”, a tonalidade de luz provoca uma sensação de excitação, o momento é em que a princesa foge, e até parece sair da tela, enquanto o herói luta bravamente contra o dragão. Tintoretto queria mostrar as coisas sob uma nova luz, explorar caminhos não trilhados de representação das lendas e mitos do passado.

Um grande historiador da arte da época Giogio Vasari (1511-1574), narra que as obras de Tintoretto eram prejudicadas pela execução descuidada e o gosto excêntrico pelos temas. – “Os seus esboços eram tão crus que o traçado do lápis parece ter mais força do que critério e ter sido feitos por mero acaso”.

Fora da península itálica o barroco foi ganhando diferenças de pais a pais, como características nacionalistas, como nos Países Baixos e na Espanha.

Na Bélgica o barroco caracterizou-se por linhas movimentadas e de forte expressão e seu maior representante foi Peter Paul Rubens (1577-1640), em que utilizava em seus quadros cores fortes como o vermelho, amarelo, verde e o azul nos vestuários em intensos movimentos e pregueadas, contrastando com as peles claras e luminosas das personagens, o quadro abaixo O jardim do amor é um dos quadros mais coloridos de Rubens onde a realidade “a nobreza” em frente ao palácio, se funde com alegorias como os cupidos sobrevoando.

Figura 54 - O jardim do amor (1632-1634), Museu do Prado – Madri – Rubens

Fonte 54: http://lh5.ggpht.com/_x_Zx6PVZqRU/SJy8Duba0eI/AAAAAAAAAEA/bwTD7TT4s6c/El_jard%C3%ADn_del_amor_Rubens_lou.jpg

Figura 55 - O rapto da filha de Leucippo (1632-1634), Alte Pinakothek – Munique – Rubens

Figura 56 - Cabeça de criança (provavelmente sua filha mais velha) (1615), Galeria do Liechtenstein – Rubens

Fonte 55: http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/historia/imagens/renascimento_rubens_rapto.jpg

Fonte 56: http://3.bp.blogspot.com/_yEum_8cpb_s/ScZ0ixRP-cI/AAAAAAAAFkw/G9EtTwT1Tkg/s400/Rubens+Retrr+de+uma+Jov+Rapar+1615-1616.jpg

Rubens estudou na Itália durante oito anos, observando as obras dos artistas venezianos, regressando a sua cidade natal, abriu uma oficina onde chegou a empregar duzentos ajudantes, cada um especializado num campo, como representação de animais, de natureza morta, etc. E ele especializara-se em corpos humanos, que pintava com total maestria, figuras essas que parecem estar em um palco.

No quadro “O rapto da filha de Leucippo”, caracteriza-se por um grande dinamismo e exuberância física das personagens e a cor de um vigor sensual, são os elementos principais desta obra.

“O retrato de uma menina”, ele não usou nenhum estratagema de composição ou jogo de luz, é simplesmente um retrato onde mostra uma criança real em sua exuberância infantil e carismática.

Anton van Dyck (1599-1641), foi discipulo de Rubens, e aprendeu muito com seu mestre, especializou-se em retratos e se tornou pintor da corte real da Inglaterra. Utiliza a luz para realçar as áreas mais importantes em sua pintura e mostra nelas o mundo da corte e aristocracia inglesa.

Frans Hals (1581-1666), em suas obras têm inúmeros retratos individuais e alguns em grupos, a luz em sua obra é trabalhada de tal forma que sua composição é mais clara, a luz penetra nas sombras. A postura dos retratados são espontâneos e pouco rígidos, a luz incidente nos personagens é uniforme e ressaltado pelas golas brancas que estão usando.

Figura 57 - Carlos I, em três ângulos diferentes – Anton van Dyck

Figura 58 - Carlos I da Inglaterra em montaria – Anton van Dyck

Fonte 57: http://4.bp.blogspot.com/_4r7sxqIlxT8/Ss8mmSq5LPI/AAAAAAAAA8I/7P9-AuOhww8/s320/Anthony_Van_Dyck_(1635).jpg

Fonte 58: http://4.bp.blogspot.com/_zkPyAwnAgQ4/SdY2zKc7ghI/AAAAAAAAAD8/B1zp-8M40Xg/s320/van-dyck-chas-i1.jpg

Figura 59 - Oficiais da Guarda Civil de Santo Adriano dem Haarlen (1627), Museu Frans Hals – Haarlen – Frans Hals

Fonte 59: **http://www.1st-art-gallery.com/thumbnail/91330/1/Banquet-Of-The-Officers-Of-The-St-Hadrian-Civic-Guard-Company-$282$29-C.-1627.jpg**

Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669), um dos maiores artistas no domínio da luz em que vemos fortes contrastes com os trabalhos de Caravaggio, sua sombra ainda é mais densa, só que agora invade quase toda a tela.

Na tela abaixo, um médico e estudiosos estão em plena atividade de dissecação de um cadáver sobre uma mesa, o uso da luz se faz intensa sobre o corpo do cadáver e vai amenizando gradualmente nos rostos dos estudiosos e com um fundo em penumbra.

Figura 60 - A lição de anatomia do Doutor Tulp (1632), Museu Mauritshuis – Haia – Rembrandt

Fonte 60: http://www.biol.unlp.edu.ar/images/anatomia/anatomia-rembrandt.jpg

"Ronda noturna", um dos célebres quadros de Rembrandt, em um fundo escuro personagens total ou parcialmente iluminados sobressaem em um contraste de espaços escuros e totalmente iluminados, porém vemos que existe uma hierarquia, centralmente o capitão da companhia e seu tenente iluminados plenamente, posteriormente cabeças emergem das sombras. A luz serve para indagar sobre as pessoas isoladas ou sobre seus rostos.

No "auto-retrato", a luz é densa iluminando totalmente ou parcialmente o rosto, porém mostra perfeitamente as rugas do tempo, e por sua vez cai também sobre um tema secundário que é o livro que esta em sua mão. Então a luz entra na composição para realçar os temas desejados pelo pintor.

Figura 61 - A ronda noturna (1640), Rijksmuseum – Amsterdã – Rembrandt

Figura 62 - Auto-retrato, Rijksmuseum – Amsterdã – Rembrandt

Fonte 61: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:The_Nightwatch_by_Rembrandt.jpg

Fonte 62http://www.ladbrokeradio.com/night-watch-rembrandt.jpg

Johannes Vermeer (1632-1675), tem como tema a Holanda seiscentista, e a vida e os costumes de seus moradores em momentos da vida cotidiana, a claridade é utilizada naturalmente.

Figura 63 - Moça com brincos de pérola (1665-1666), Museu Mauritshuis – Haia – Vemeer

Figura 64 - A leiteira , Rijksmuseum – Amsterdã – Vemeer

Fonte 63: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/Jan_Vermeer_van_Delft_007.jpg

Fonte 64: http://educar.files.wordpress.com/2010/01/vermeer_milkmaid.jpg

O quadro “A moça do brinco de pérola”, o olhar do observador vai ao encontro da expressão da personagem que se destaca por não haver cenário algum, o seu lábio entreaberto parece querer dizer algo e talvez por isso nos fixamos a olha-la. No quadro”A leiteira”, Vemmer mostra o trabalho cotidiano doméstico de uma mulher no interior de sua casa, a luz incidente é natural e abundante para iluminar a cozinha.

Na Espanha os pintores mais representativos do barroco foram El Greco e Velázquez, cujas características são bem peculiares.

Nas obras de Doménikos Theotokópoulos ou El Greco (1541-1614), vamos verificar uma das características marcante é a verticalidade das personagens, menosprezando os padrões clássicos da medida e da proporção, outra característica é o uso da luz, não ambientada, mas sim como se cada personagem tivesse emitindo sua própria luz.

Na obra abaixo “Espólio”, Jesus em uma túnica vermelha em pé esta cercado por uma multidão de pessoas com fisionomias agitadas e muitas carregando lanças, todas essas outras pessoas em tons acinzentados, e nesta parte do quadro verificamos uma verticalidade da obra, no primeiro plano abaixo, do lado esquerdo, vemos três mulheres, entre elas a mãe de Jesus observando o trabalho de um carpinteiro que prepara a cruz.

Em "A Virgem da Imaculada Conceição" El Greco pediu para que o retábulo fosse mais alongado em 1,5 pé "porque assim a forma ficaria perfeita e não reduzida, é a pior coisa que pode acontecer a uma personagem".

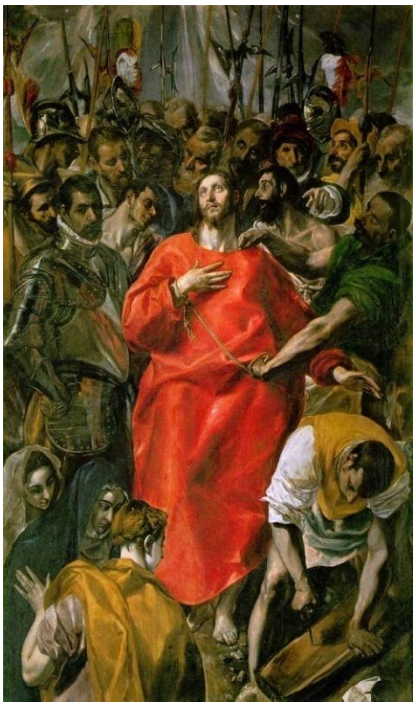


Figura 65 - Espólio (1579), Catedral de Toledo – Espanha – El Greco

Figura 66 - A Virgem da Imaculada Conceição – El Greco

Fonte 65: http://mrzine.monthlyreview.org/2005/ElGrecoSpoliation488.jpg

Fonte 66: http://www.google.com/imgres?imgurl=http://www.mackeyinc.com/images/Art/Burial%2520Lord%2520Orgaz%2520El%2520Greco.jpg&imgrefurl=http://sol.sapo.pt/blogs/jaguar/archive/2007/10/25/391480.aspx&usg=__UCOUetsz5A0DTyPny_zMJJXEvNU=&h=640&w=514&sz=92&hl=pt-BR&start=19&itbs=1&tbnid=dPEeoNyUSgr9zM:&tbnh=137&tbnw=110&prev=/images%3Fq%3Del%2Bgreco%2Ba%2Bvirgem%2Bda%2Bimaculada%2Bconcei%25C3%25A7ao%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DG%26gbv%3D2%26tbs%3Disch:1

El Greco foi o primeiro pintor do século XVII a representar a luz artificial em seus quadros. Em “O menino ascendendo uma vela”, o rosto do menino é iluminado por clarões avermelhados, e observamos uma total diferença entre a luz quando é pontiforme, isto é, vinda de um ponto específico e a da luz proveniente da luz natural, como o sol, de um amanhecer, etc. E esta obra pode ser considerada uma percursora da obras de Caravaggio no que diz a luz empregada em suas obras.

Outro grande pintor que estudou e utilizou a luz pontiforme, foi o frances Georges de La Tour (1593-1652), em quase todas as suas obras vemos a luz artificial em ambientes noturnos e escuros com na obra abaixo, “A Madalena arrependida”.

Figura 67 - O menino ascendendo uma vela (1575), Museu de Copodimonte – El Greco

Figura 68 - A madalena arrependida (1640), Museu do Louvre, Paris – Georges de La Tour

Fonte 67: http://www.cafecolombo.com.br/imagens/greco.jpg

Fonte 68: http://giam.typepad.com/photos/uncategorized/delatour.jpg

Diego Rodríguez de Silva y Velázquez (1599-1660), foi um grande retratista da corte espanhola do século XVII, do rei Felipe IV, e também de pessoas do povo, documentando em seus quadros o dia-a-dia do povo espanhol.

“A velha cozinheira”, obra que retrata o dia-a-dia de pessoas simples em especial desta cozinheira, Velázquez utiliza nesta obra tons escuros para o fundo e os utensílios do cotidiano diária da cozinheira sua roupa vermelha e seu lenço branco sobre sua cabeça são destacados com uma luz.

“As meninas”, retrata pessoas da corte, uma das obras primas de Velázquez, este quadro mostra uma grande sala onde se passa a cena, em primeiro plano, sob luz mais intensa vemos a princesa e um grupo de acompanhantes, do lado esquerdo vemos o pintor, que olha atentamente o casal real, o rei Felipe IV e sua esposa, que aparecem refletidos no espelho pendurado na parede do fundo do ateliê. Como se o rei e a rainha estivessem de frente para quem esta na frente da tela e as demais pessoas retratadas estão preparadas para fazer uma saudação.

Figura 69 - A velha cozinheia (1618), Galeria Nacional da Escócia - Velázquez

Fonte 69: http://waddell.ci.manchester.ct.us/images-reference/Colombia-Botero/DiegoVelazquez_Viejafriendohuevos.jpg

Figura 70 - As meninas (1645-1657), Museu do Prado, Madri - Velázquez

Fonte 70: http://mediastudiesendicott.files.wordpress.com/2008/10/velazquez-las-meninas.jpg

A natureza-morta

Nos séculos XVI e XVII, desenvolveu-se um gênero de estrema importância que é a natureza-morta.

A natureza-morta é a representação de objetos inanimados, estes das mais diversas variedades como por exemplo: frutas, alimentos, flores, objetos dos mais diversos tipos como copos, jarros, pratos, etc. Essa invenção pictórica, não se sabe bem ao certo onde se originou, porém os romanos e gregos já usam esse tipo de representação em suas decorações. Esse gênero de pintura foi muito solicitado pelos burgueses aos pintores.

O uso das pinturas de natureza-morta nas paredes de salas de jantares ou cozinhas indicavam uma fartura de alimentos para aquela família.

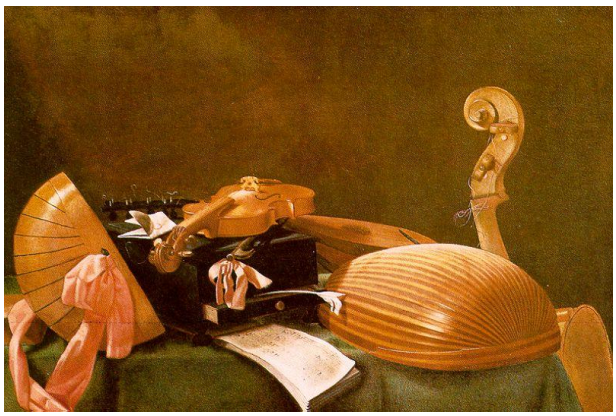


Figura 71 - Natureza-morta, Coleção particular – Evaristo Baschenis

Figura 72 - Natureza-morta com instrumentos musicais (1650), Coleção particular – Evaristo Baschenis

Fonte 71: http://www.teknemedia.net/gall_img/2006/TKimg4526abd61d0a7.jpg

Fonte 72: http://bit.ly/aCrnOW

Figura 73 - Cesta de frutas, Pinacoteca Ambrosiana – Caravaggio

Fonte 73: http://www.historiadelarte.us/graphic/barroco/Cesta%20de%20frutas%20de%20Caravaggio.jpg

Taj Mahal

O Taj Mahal é um monumento ao amor, construído na cidade de Agra na Índia, o monumento mais conhecido deste país. Foi construído entre os anos de 1630 e 1652, com o esforço de vinte mil homens, trazidos de várias cidades do Oriente.

O imperador Shah Jahan mandou construir este grande mausoléu em mármore branco, em homenagem à memória de sua esposa favorita, Arymand Banu Began, a quem chamava de “jóia do palácio”.

Com uma grande cúpula central, decorada com linhas curvas e douradas, e nas laterais duas mesquitas com cúpulas menores e em nível mais baixo em relação á cúpula maior, e quatro mirantes dispostos simetricamente, a construção ganha elegância com seus arcos dispostos simetricamente, e em seu entorno jardins e um enorme espelho d’água que reflete a construção.

Figura 74 - Vista geral do Taj Mahal, Índia

Fonte 74: http://anajuliaandrade.files.wordpress.com/2008/11/taj-mahal-agra-india.jpg

Neoclassicismo

Este nome se dá ao motivo dos artistas adotarem novamente os princípios e valores da arte da Antiguidade grego-romana. Outros historiadores nomeiam este período de “Academicismo”, pelo fato dos conceitos grego-romanos serem básicos para os fundamentos da arte, na Europa, este período corresponde às últimas décadas do século XVIII e início do século XIX.

Então para esses artistas, deste período, uma obra seria perfeita, se imitasse, as obras grego-romanas ou do renascimento italiano. Uma obra de imitação só se consegue por meio de aprendizado e estudos das técnicas utilizadas naquele período. Nisso as academias de belas artes lotaram de alunos ávidos a aprender e copiar.

Na arquitetura neoclássica as construções seguiram o estilo dos templos grego-romanos ou dos edifícios do Renascimento italiano.

Um dos primeiros arquiteto neoclássicos foi o Francês Jacques Germain Souflot (1713-1780), e sua construção mais conhecida é o “Panteão de Paris”, sua construção iniciou-se em 1755 sendo inicialmente a igreja dedicada a Santa Genoveva, pois anos antes Luis XV, adoentado de uma grave doença, fez voto se sobrevivesse construiria uma igreja em homenagem a Santa Genoveva, restabelecido cumpriu sua promessa; porém anos mais tarde a construção parou e reiniciou anos depois, a Assembléia Nacional decidiu em 1789, mudar seu uso.

O edifício deveria ser uma necrópole para personalidades importantes da França.

O “Panteão de Paris” tem 110 metros de largura e 84 metros de largura. A fachada principal está decorada com um pórtico de colunas de estilo coríntio que apoiam um frontão triangular. O edifício é coroado por uma cúpula de 83 metros de altura, com um lanternim no topo.

Figura 75 e 76 - Panteão de Paris, antiga igreja de Santa Genoveva (1755-1792), Paris - Jacques Germain Souflot

Fonte 75: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/franca/imagens/paris-47.jpg

Fonte 76: http://static.panoramio.com/photos/original/4157740.jpg

Na Alemanha as primeiras construções neoclássicas se deve ao arquiteto Karl Gotthard Langhans (1732-1808), sua obra mais famosa é a “Porta de Brandemburgo”. Essa construção é feita em arenito, com grandes colunas dóricas de 1,70 metros de diâmetro que apóiam uma estrutura retangular e sobre ela, uma escultura em bronze de uma quadriga conduzida pela deusa da Vitória e puxada por quatro cavalos, de aproximadamente 5,00 metros de altura, feita pro JohannGottfreid Shadow.

Figura 77 - Porta de Brandemburgo (1789-1794), Berlim - Karl Gotthard Langhans

Fonte 77: http://i.olhares.com/data/big/309/3095439.jpg

Figura 78 - Escultura em bronze – quadriga conduzida pela deusa da Vitória – Johann Gottfreid Shadow

Fonte 78: http://2.bp.blogspot.com/_SrpBRQ2cDRg/SOTPAC4nTqI/AAAAAAAAGB0/CSiA7vIm-sU/s400/quadriga++a+porta+de+brandemburgo.jpg

A pintura neoclássica buscou inspiração nas poses das esculturas, sua linearidade, sua anatomia correta e a perfeição do traçado, temas dignos de caráter ilustrativo e literário. Foi retratada em muitas dessas obras hábitos da burguesia comerciária e a Revolução Francesa e o grande Império de Napoleão.

Jacques-Louis David (1748-1825), foi o melhor e o mais expressivo pintor deste período, considerado o pintor da Revolução Francesa e também pintor oficial do Império de Napoleão. Pintando fatos históricos da França e de Napoleão como na obra abaixo “Bonaparte atravessando os Alpes”.

Sua obra expressava um grande realismo e emoção que inspirou vários outros pintores de seu período, como é o caso da obra abaixo onde retrata a morte de seu grande amigo Marat.

Figura 79 - Bonaparte atravessando os Alpes (1801), Museu de Versalhes, Paris – Jacques-Louis David

Figura 80 - A morte de Marat (1793), Museu Real de Belas Artes, Bruxelas – Jacques-Louis David

Fonte 79: http://www.jim3dlong.com/1801_Jacques_Louis_David_Bonaparte_Crossing_the_Alps-R400.jpg

Fonte 80: http://www.powellhistory.com/art/Painting/Death_of_Marat_by_David.jpg

Jean Dominique Igress (1780-1867), último grande pintor neoclássico, discípulo de Jacques-Louis David. Suas obras foram a passagem do neoclassicismo para o romantismo que veremos logo em seguida, suas obras vão de composições de paisagens, retratos, temas mitológicos e literários e nus. Suas obras de altíssimo acabamento técnico e qualidade de linhas elogiadas por diversos críticos de arte.

Nas obras, “Banhista de Valpinçon” e o seu “Auto-retrato”, observamos a qualidade na representação do nu e como retratista, e o domínio sobre os tons de luz e sombra na pele e em todo o ambiente, nos retratos de Igress observaremos sempre um fundo com ausência de qualquer alegoria, e certificando nessas obras essas fabulosas características desse pintor.

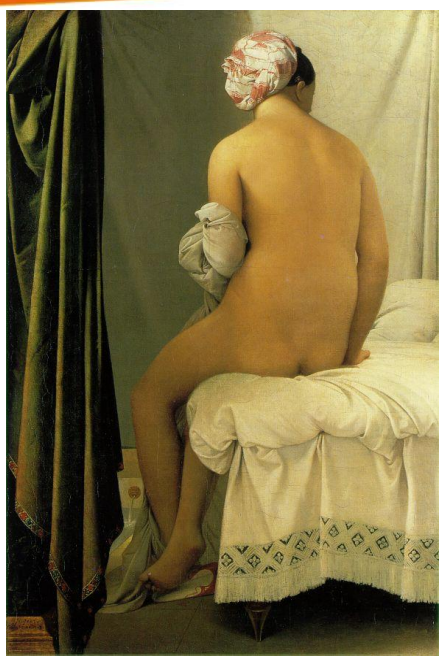


Figura 81 - Banhista de Valpinçon(1808), Museu do Louvre, Paris – Jean Dominique Igress

Figura 82 - Auto-retrato com 24 anos, Museu Condé, Chantilly, França – Jean Dominique Igress

Fonte 81: http://www.shafe.co.uk/crystal/images/lshafe/Ingres_The_Bather_of_Valpincon_1808.jpg

Fonte 82: http://www.sabercultural.org/template/pintores/fotos/JeanAugusteDominiqueIngresFoto01.jpg

Referências

Gombrich, Ernest Hans Josef.- **História da Arte**. 16ª edição 2000 - Editora LTC.

Baumgart, Fritz – **Breve História da Arte**. 3ª edição 2007- Editora Martins Fontes.

Proença, Graça – **História da Arte**. 17ª edição 2007 - Editora Ática.

Prette, Maria Carla – **Para Entender a Arte, História Linguagem Época Estilo**. 1ª edição 2009 - Editora Globo.

Conti, Flávio - Gozzoli, Maria C. – **Como Reconhecer a Arte**. 1ª edição 1998 – Edições 70.

Janson, H. W. – **História geral da arte – O mundo moderno**. 1ª edição 2001 – Editora Martins Fontes.

Responsável pelo Conteúdo:
Prof. Edson Takahasi
Revisão Textual:
Profª Esp. Denise Jarcovis

www.cruzeirodosul.edu.br

Campus Liberdade

Rua Galvão Bueno, 868

01506-000

São Paulo SP Brasil

Tel: (55 11) 3385-3000